

# As vozes sobre a imigração: o dialogismo em um texto a respeito da imigração no Brasil pós-guerra

(Voices on the immigration: the dialogism in a text about the Brazilian's immigration in post-war period)

**Alexandre Marcelo Bueno**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

alexandrebueno@gmail.com

**Abstract:** The immigration process in Brazil produced many discussions on the most appropriated way for selecting the best immigrants for the country. In these discussions, points of view were confronted. Our paper examines, by the bakhtinian's concept of dialogism, the different voices in a text that discusses the subject of the immigration in Brazil after the Second World War.

**Keywords:** immigration; dialogism; Bakhtin; History of Brazil.

**Resumo:** O tema da imigração no Brasil produziu uma série de debates sobre a forma mais apropriada de se selecionar os melhores imigrantes para o país. Nesses debates, diferentes pontos de vista, orientados por valores sociais e científicos distintos, se defrontavam. Nosso trabalho procura examinar, à luz do conceito bakhtiniano de dialogismo, as diferentes vozes presentes em um texto que discute o tema da imigração no Brasil no período subsequente ao final da Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** imigração; dialogismo; Bakhtin; História do Brasil.

## Introdução

O processo imigratório no Brasil, desde o seu início no século XIX, foi marcado pelos debates e por embates de ideias a respeito do melhor tipo de imigrante para o país.<sup>1</sup> As discussões, do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, se centraram no estabelecimento de critérios que pudessem selecionar o melhor imigrante, envolvendo, entre outros interesses, a forma como o trabalhador imigrante poderia contribuir para o desenvolvimento econômico (e, às vezes, social) do país. Havia, assim, pontos de vista distintos a respeito da imigração no Brasil: aqueles que eram a favor, ampla e irrestritamente, da entrada de imigrantes de qualquer nacionalidade; os que desejavam critérios claros, baseados na capacidade física ou na origem nacional ou racial dos grupos imigrantes; e os que eram contrários à entrada de quaisquer imigrantes no país, pois visavam ao desenvolvimento da força de trabalho nacional.

Essa situação se mantivera até o início da Primeira Guerra Mundial, quando ocorreu um forte decréscimo de entrada de imigrantes europeus no país. Ao mesmo tempo, a Primeira Guerra Mundial possibilitou o aumento do número de imigrantes japoneses que entraram no país. O fluxo imigratório apresentou, então, um novo aumento após o final dessa Guerra, mas sofreu um golpe mais duro com o advento da Segunda Guerra Mundial, que envolveu conflitos em escala efetivamente mundial.

---

<sup>1</sup> Para uma noção dos diversos pontos de vista da sociedade brasileira em relação à imigração, sobretudo das minorias não-europeias, cf. Lesser (2001).

Após a Segunda Guerra Mundial, surgiram as figuras de um novo tipo de imigrante: os refugiados e os deslocados de guerra<sup>2</sup> (sujeitos e grupos espoliados pela Segunda Guerra Mundial). Por essa razão, entidades supranacionais, como a OIR (Organização Internacional dos Refugiados) e a CIME (Comissão Intergovernamental para Migrações Europeias) (SAKURAI, 2008, p. 191) foram criadas para se prestar auxílio às pessoas e aos grupos que sofreram, de forma mais aguda, as consequências maléficas da guerra. Essas instituições realizaram a mediação entre os países destruídos pela guerra e os países que tiveram algum interesse em receber esse novo tipo de imigrante. Dentre os países interessados, e que mais receberam imigrantes nesse período, destacaram-se os EUA e a Argentina. Mas o Brasil também foi incluído no rol dos países interessados em receber esses imigrantes, ainda mais por querer efetivamente receber trabalhadores com um perfil técnico compatível com seu parque industrial nascente.

Assim, depois de 1945, ou seja, após o final da Segunda Guerra Mundial e o fim da ditadura Vargas, a sociedade brasileira retomou as discussões a respeito dos critérios a serem definidos para a seleção desses novos imigrantes, da mesma maneira que fora feito no período anterior às Grandes Guerras (PERES, 2003, p. 86). O texto que analisaremos, de autoria do antropólogo Emílio Willems, se inseriu nesse debate. De antemão, podemos dizer que o texto deixa explícita uma série de vozes referentes à questão imigratória no país, vozes não apenas concomitantes ao seu momento histórico, mas também vozes de períodos históricos anteriores, principalmente as baseadas nas teorias raciais (cujo auge de seu prestígio na sociedade brasileira se formou ainda no século XIX, mas com a manutenção de algumas ressonâncias nas primeiras décadas do século XX).<sup>3</sup>

Apesar de não abordarmos, neste trabalho, os problemas e as discussões em torno da noção de gênero, principalmente a desenvolvida pelo círculo bakhtiniano, entendemos que uma observação em relação a essa noção faz-se necessária: originalmente, o texto de Emílio Willems fora publicado como um artigo de opinião no jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 24 de outubro de 1947. A versão a que tivemos acesso, contudo, foi a publicada em uma seção intitulada “Noticiário”, na *Revista de Imigração e Colonização*. Por essa razão, há duas distinções a serem consideradas antes da análise propriamente dita. A primeira refere-se ao destinatário do texto.<sup>4</sup> Se, por um lado, o jornal possuía (e ainda possui) um público mais heterogêneo, por outro lado, o público que lia a *Revista de Imigração e Colonização* era muito mais específico e, certamente, mais familiarizado com o tema tratado. Além disso, a circulação de um jornal, mesmo de grande tiragem, como *O Estado de São Paulo*, se restringe, em quase

---

<sup>2</sup> Segundo Peres, os deslocados de guerra eram definidos como indivíduos arrancados à força de seus respectivos países. Os refugiados, por sua vez, eram entendidos como indivíduos que saíram espontaneamente de seus países, o que, como ressalva a autora, é um conceito impreciso, pois esse tipo de imigrante saiu de seu país por necessidade (em decorrência de perseguições políticas, por exemplo) e não por opção (PERES, 2003, p. 86-87).

<sup>3</sup> A influência das teorias raciais europeias importadas pela elite intelectual, política e burocrática brasileira pode ser mais bem compreendida em dois acurados estudos: Schwarcz (2004) e Skidmore (1976).

<sup>4</sup> Uma reflexão profunda sobre a noção de destinatário nos é apresentada por Bakhtin no seguinte fragmento: “Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele também pode ser um *outro* totalmente indefinido, não concretizado (em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional)” (BAKHTIN, 2003a, p. 301).

sua totalidade, à cidade de São Paulo, enquanto a *Revista de Imigração e Colonização* apresentava circulação nacional. Essas questões, que evidentemente participam da construção do sentido de um enunciado, não serão abordadas pelo nosso trabalho da maneira que mereceriam porque o texto, em sua totalidade, não foi alterado (mas a certeza desse fato nos foge porque não tivemos acesso à versão original publicada pelo jornal). De qualquer maneira, estamos cientes da possibilidade de ter ocorrido uma modificação na disposição do texto, assim como a supressão de elementos paratextuais que evidenciam as diferenças entre um texto veiculado por um jornal e um texto publicado por uma revista, fatos que certamente influenciam na construção do sentido de um enunciado. Mesmo com essas diferenças, sobretudo na composição do texto, acreditamos que se trata de um mesmo gênero discursivo, isto é, um artigo de opinião a respeito do processo imigratório brasileiro. Em outras palavras, trata-se de um mesmo gênero, mas com destinatários distintos.

Para não nos embrearmos em questões de interesse de um outro campo científico, como a História, limitar-nos-emos, neste trabalho, à questão das diferentes vozes presentes no texto que servem para explicitar e justificar o ponto de vista adotado pelo autor. Por meio dessas vozes recuperadas e dispostas na “arena” formada pelo enunciado, veremos como o texto analisado realiza uma discussão dos termos utilizados pelos outros discursos que trataram do mesmo assunto, ou seja, a seleção dos imigrantes no Brasil. Por conta desse enfoque em nossa abordagem, apresentaremos, a seguir, algumas considerações a respeito do conceito bakhtiniano de dialogismo.<sup>5</sup>

### **Noção do conceito de dialogismo**

Para Bakhtin, o texto é o objeto por excelência dos estudos nas chamadas ciências humanas. A prevalência do texto como objeto do interesse das ciências humanas decorre do fato de ele ser encarado, pelo autor, como o suporte da realidade imediata do pensamento e da vivência (2003b, p. 307).

Além de ser um objeto de estudos, o texto é, portanto, um produto do pensamento e da experiência humana. Para Bakhtin, dois elementos são responsáveis pela produção do texto: a intenção (ideia) e a realização dessa ideia (2003b, p. 308). Pressupõe-se, assim, a existência de um sujeito responsável pela produção desse texto. Contudo, Bakhtin não se refere a um sujeito “adâmico”, que seria responsável pela produção de um enunciado original (resultado somente de sua própria vontade), auto-centrado em si mesmo e totalmente desligado e separado do mundo que o circunda e do qual ele mesmo é parte integrante.

Por essa razão, toda comunicação, realizada por meio do enunciado-texto, implica a participação de um sujeito comunicante e de um sujeito receptor dessa comunicação, uma vez que o ser humano não está isolado do mundo e sua atividade decorre de sua relação com o próprio mundo e com os outros sujeitos. E essa relação ocorre, em quase sua totalidade, por meio do uso da linguagem. Assim, a comunicação é mediada pelo enunciado, enquanto “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003a, p. 269). No entanto, essa concepção de comunicação ainda não é suficiente para se compreender os elementos constituintes de um enunciado, até porque

---

<sup>5</sup> As ideias do Círculo de Bakhtin serviram de ponto de partida para inúmeras reflexões nas diferentes correntes das teorias do discurso. Para um exemplo claro dessa fecundidade de ideias, remetemos à leitura do livro organizado por Beth Brait (2005). A proposta de nossa análise é, contudo, a de não recorrer a qualquer uma dessas teorias, pois pretendemos nos embasar diretamente nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e não utilizá-los somente como um subsídio teórico.

o próprio enunciador espera uma participação de seu interlocutor (2003a, p. 272). Além disso, da mesma forma que um enunciado é produzido com a expectativa de uma posição responsiva daqueles que o ouvirão ou lerão, o próprio enunciado é também uma posição responsiva de enunciados anteriormente proferidos e/ou produzidos. Como o próprio Bakhtin afirma:

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (2003a, p. 272)

A possibilidade de se responder a um determinado enunciado está centrada no fato de ele ser acabado, ou seja, concluído. Em outras palavras, todo enunciado é acabado e, por conseguinte, é considerado como uma totalidade passível de estudo pelas ciências humanas. Essa “totalidade” do enunciado, por sua vez, decorre de três elementos: a exauribilidade semântico-objetiva do tema do enunciado; a vontade discursiva do produtor do enunciado; e as formas típicas composicionais e de gênero (BAKHTIN, 2003a, p. 281-282). A exauribilidade do objeto dependerá de sua conversão em tema do enunciado, que o limita a partir de determinadas situações. A vontade discursiva é responsável pelos limites do texto e também pela escolha do gênero discursivo. Mas essa escolha e suas formas composicionais também dependem do campo (ou esfera) da comunicação discursiva, além de outros elementos.

Por esse motivo, a relação entre enunciados, e sua possibilidade responsiva, está fundada em uma base comum que é determinada pela “identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003a, p. 297). O enunciado ocupa, então, uma certa posição dentro dessa esfera comunicativa, posição que será definida pela relação que o enunciado mantém com outros enunciados. É a partir da posição ocupada em uma determinada esfera que permite a resposta a outros enunciados, assim como a espera de uma atitude responsiva a partir de um enunciado produzido. Bakhtin sintetiza de maneira elegante a nossa explicação: “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003a, p. 297).

Outro aspecto pertinente do enunciado é o elemento expressivo, ou seja, a relação entre o sujeito produtor do enunciado e o objeto do qual ele fala. Essa relação, que Bakhtin chama de “relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso” (2003a, p. 289), determina as escolhas lexicais, gramaticais e também composicionais participantes do enunciado. Por isso, ele afirma: “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado” (2003a, p. 290). Essa entonação expressiva está presente não somente na relação com seu objeto do discurso, mas também em relação às diversas vozes presentes no discurso. O enunciado não é, assim, um produto da atividade humana em si, mas um produto da atividade humana inserida em um universo cultural e social reconhecido e pré-estabelecido. Em outras palavras, um determinado enunciado é construído como um elemento que preenche um espaço dentro de uma cadeia de enunciados, que pode ser também conhecido como dialogismo.

Podemos pensar, assim, que o dialogismo proposto por Bakhtin tem a interação como princípio fundamental de sua teoria. Nessa interação ocorre também o fenômeno de assimilação, que nada mais é do que “uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2003a, p. 294). Por isso,

Nosso enunciado, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2003a, p. 294-295)

Essas vozes tornam-se presentes no enunciado com o intuito de se explicitarem divergências ou convergências em relação a um determinado tema. A presentificação e a interação dessas vozes não ocorre de modo neutro, sobretudo porque uma série de avaliações, comentários e contraposições “enquadram” as demais vozes veiculadas pelo texto. Nas palavras de Bakhtin: “O discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso” (2003a, p. 299).

Por fim, pelas razões apresentadas, acreditamos que nosso trabalho se situa no “problema da inter-relação semântica (dialética) e dialógica dos textos no âmbito de um determinado campo” (BAKHTIN, 2003b, p. 310). Esse campo, cujo tema é o da imigração, está situado em um espaço específico e em um tempo histórico delimitado (já explicitado e explorado em nossa introdução). Passemos, então, à análise das polêmicas entre as diferentes vozes presentes no texto de Emilio Willems.

### **O dialogismo em um discurso a respeito da imigração brasileira**

Como já mencionamos acima, um enunciado se constitui, de um lado, pela relação com enunciados anteriormente proferidos e, de outro, pela espera de uma atitude responsiva do enunciado construído. Essa definição de enunciado fica bastante clara no texto de Emilio Willems, quando se presentificam vozes de outros enunciados com os quais seu próprio enunciado se relaciona por meio do mesmo tema (o processo migratório brasileiro):

- (01) Parece que a fase liberal na história das migrações modernas está definitivamente encerrada. A política imigratória das ‘portas escancaradas’ correspondia à concepção darwiniana da ‘seleção natural’. Bastaria abrir as fronteiras indiscriminadamente a todos que quisessem entrar para a ‘luta pela vida’ encarregar-se do resto, selecionando automaticamente os mais aptos e eliminando aqueles que se revelassem incapazes de ajustar-se a um ‘habitat’ diferente. (WILLEMS, 1947, p. 99)

Nesse trecho, já há uma distinção entre a voz do enunciado principal e as vozes recuperadas de um outro discurso. As aspas do trecho acima destacam não apenas o fato de as palavras não pertencerem ao ponto de vista do autor, mas também o vocabulário de discursos formados por uma outra concepção social, por uma outra ideologia.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Como nos ensina Bakhtin, “(...) muito amiúde a expressão do nosso enunciado é determinada não só – e vez por outro não tanto – pelo conteúdo semântico-objetal desse enunciado mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema, aos quais respondemos, com os quais polemizamos; através deles se

Podemos observar também que o autor realiza uma espécie de julgamento ou avaliação a respeito do período anterior da imigração (o do período anterior às Grandes Guerras), no qual não haveria critérios de seleção para a entrada dos imigrantes (“portas escancaradas”) e cuja sobrevivência ficaria a cargo da “seleção natural”, ou seja, da competição entre os sujeitos em que apenas os mais aptos poderiam sobreviver. Assim, a partir da segunda frase, haveria a voz daqueles que defendiam essa concepção social escorada nos preceitos darwinianos. Ao mesmo tempo, essa mesma frase mostra que essa concepção social não faria parte dos valores do autor. Essa distinção de pontos de vista e de concepções da atividade social fica ainda mais clara no seguinte trecho:

- (02) Infelizmente, os darwinistas, conscientes e inconscientes, esqueceram-se de que o homem é um ser cultural a que não se pode aplicar o conceito de seleção natural. Se nos referirmos à sobrevivência dos animais e plantas ‘mais aptos’, pensaremos em exemplares ou variedades geneticamente mais bem equipados para se adaptarem a um determinado meio. Mas transferido ao homem, o conceito do ‘mais apto’ encerra, ao lado do equipamento genético, uma série de aquisições de ordem cultural cuja importância adaptativa normalmente ultrapassa a dos caracteres genéticos. Não é possível separar os dois aspectos da concepção ‘do mais apto’, pois o homem não pode ser colocado fora de qualquer contexto cultural. O equipamento cultural adquirido o acompanha aonde quer que seja, se interpõe entre o seu organismo e a natureza e exige ajustamentos a grupos com equipamento cultural diferente. (WILLEMS, 1947, p. 99).

Dentro da esfera científica,<sup>7</sup> na qual seu enunciado está inserido, há uma oposição entre a concepção social darwinista e a concepção culturalista da sociedade. Essa oposição serve, assim, para o autor mostrar a insuficiência do conceito de aptidão (derivado do darwinismo) aplicado ao campo social. Não é o caso de não utilizar o conceito de aptidão, mas sim o de usá-lo de modo apropriado para as questões sociais. Em outras palavras, a questão discutida nesse texto se refere ao uso do conceito de aptidão: ele não pode, segundo o texto, ser entendido como o era pela ideologia liberal, em que cada indivíduo é responsável por si e somente os melhores obtêm sucesso. Dessa forma, o conceito de aptidão deve ser utilizado com o objetivo de se pensar na capacidade e na possibilidade de se ajudar o imigrante a encontrar o meio social e agrícola apropriado às capacidades de trabalho que eles trazem para o país.

Além disso, há ainda no trecho acima uma outra avaliação, explicitada pelo uso do advérbio no início do parágrafo (“Infelizmente”). Basicamente, a avaliação do autor recai sobre o “esquecimento” do aspecto cultural nas discussões a respeito do processo imigratório, “esquecimento” que implicaria uma seleção inapropriada dos imigrantes para o país porque não se considerariam as condições ambientais relacionadas à capacidade e ao conhecimento agrícola do imigrante:

- (03) O imigrante ‘mais apto’ não é aquele que revela possuir apenas a capacidade biológica de sobrevivência. Na realidade, o problema é muito mais complexo. Qualquer aptidão somente adquire sentido quando relacionada com um determinado meio, social e geograficamente definido. As aptidões de um lavrador europeu, habituado a sistemas agrícolas intensivos que compensem o emprego de máquinas, adubos e mão de obra assalariada, se transformam repentinamente em ‘inaptidões’ quando os seus portadores

---

determina também o destaque dado a determinados elementos, as repetições e a escolha de expressões mais duras (ou, ao contrário, mais brandas); determina-se também o tom” (2003a, p. 297).

<sup>7</sup> A esfera científica a que nos referimos é a das ciências humanas, mais especificamente a da ciências sociais e antropológicas. Para um melhor entendimento do darwinismo social e sua presença na elite intelectual brasileira, remetemos ao trabalho de Schwarcz (2004).

forem transferidos para uma região cuja organização ecológica permite apenas o emprego de técnicas agrícolas rudimentares. (WILLEMS, 1947, p. 99-100)

Por isso, a adaptação do imigrante é, para o autor, um problema muito mais complexo, pois depende do meio social e geográfico para o qual esse imigrante é encaminhado. Para corroborar seu ponto de vista, ele cita exemplos de imigrantes europeus que utilizavam técnicas agrícolas avançadas, mas que fracassaram ao se defrontarem com um meio que exigia apenas o emprego de técnicas rudimentares (que os imigrantes especializados, obviamente, não conheciam). Para o autor, o insucesso dos imigrantes decorreu da incompatibilidade entre os seus conhecimentos e o ambiente para onde eles foram encaminhados, enquanto para os discursos com os quais Willems polemiza, “se transformaram repentinamente em ‘inaptidões’”. Dessa forma, qualquer critério de seleção para a entrada dos imigrantes deveria, segundo o ponto de vista do autor, ser inicialmente pensado em relação ao meio para o qual os imigrantes seriam dirigidos.

O autor realiza também uma discussão terminológica para especificar qual o tipo de imigrante que deveria ser selecionado. Nesse trecho do texto, ele também convoca outras vozes que se contrapõem ao seu ponto de vista:

- (04) A ideia de introduzir no Brasil simplesmente ‘lavradores europeus’ com o objetivo de proporcionar o elemento humano necessário ao desenvolvimento da agricultura do país é de um primarismo verdadeiramente inconcebível. O termo ‘lavrador’ abrange uma vastíssima gama de variedades que antes de mais nada precisam ser definidas e postas em equação com a ecologia da região destinada a recebê-las. (WILLEMS, 1947, p. 100)

A discussão sobre o termo “lavrador” não é, em hipótese alguma, uma discussão apenas terminológica. Muito pelo contrário: a discussão empreendida no texto de Emílio Willems procura estabelecer critérios claros e precisos a respeito dos imigrantes que poderiam entrar no país para o seu trabalho efetivo em regiões apropriadas. Além disso, mais uma avaliação do autor é apresentada nesse trecho: ao utilizar o advérbio “simplesmente” e a frase “um primarismo verdadeiramente inconcebível”, podemos observar que ele avalia o ponto de vista dos outros enunciados como uma visão ingênua do processo migratório.

Por isso, ele prossegue com a defesa do uso de um termo mais apropriado para a discussão dos critérios de seleção dos imigrantes:

- (05) Muitos esquecem-se de que a grande parte dos lavradores europeus se ajusta muito melhor à designação de ‘horticultor’, pois lavram propriedades minúsculas em condições que muito se assemelham às de chácaras encontradas nas imediações das cidades brasileiras. Colonizadores experimentados que tiveram ensejo de observar, durante longos anos, a capacidade de ajustamento desse tipo de lavrador em regiões pioneiras do Brasil meridional e da Argentina, chegaram à interessante conclusão de que, em geral, operários urbanos revelaram maior capacidade de ajustar-se às condições primitivas da agricultura pioneira do que aqueles lavradores especializados. (WILLEMS, 1947, p. 100)

Nesse trecho, há duas vozes distintas da do autor que servem para dois propósitos distintos: a primeira, localizada no início do trecho (“Muitos”), é a voz daqueles discursos que insistem em utilizar o termo “lavradores”, os quais Willems polemiza e avalia de forma negativa (“esquecem-se”). A segunda voz (“Colonizadores”) compreende o processo de adaptação dos imigrantes nas regiões agrícolas. Assim, essa

segunda voz mostra que a presença de operários estrangeiros no processo imigratório seria melhor para o país porque os operários se adaptariam mais facilmente ao rudimentar meio agrícola brasileiro do que os agricultores especializados. Essa última voz é convocada para reforçar e reafirmar o ponto de vista do autor. A concordância entre esses últimos pontos de vista fica clara com a avaliação positiva que Willems realiza (“experimentados” e “chegaram à interessante conclusão”).

Ainda nesse ponto, a conformidade entre enunciados distintos fica ressaltada no seguinte trecho: “Verificou-se ser mais fácil ensinar aos operários urbanos as técnicas extremamente rudimentares de uma agricultura extensiva, do que reajustar lavradores ‘adiantados’ a um sistema agrícola semiprimitivo” (WILLEMS, 1947, p. 100). Além disso, o discurso de Emilio Willems coloca-se explicitamente contra a vinda de trabalhadores agrícolas estrangeiros especializados, como no seguinte trecho: “(...) o aproveitamento de lavradores altamente especializados para a colonização de regiões sertanejas é duplamente condenável (...)” (WILLEMS, 1947, p. 100).

O texto apresenta dois motivos para discordar de outros discursos e de sujeitos que pensam de modo diferente: poucos são os imigrantes que conseguem se ajustar ao ambiente para o qual foram enviados (segundo o texto, a maioria acabava migrando para outra região ou para outra cidade); dos poucos que se permanecem no local destinado, acabam renunciando ao uso dos equipamentos oferecidos pelo governo para uso no cultivo (WILLEMS, 1947, p. 100). Para o autor, essa renúncia significa o retrocesso da imigração no Brasil, pois se voltaria para estágios que imigrantes anteriormente estabelecidos já haviam superado.

Esse retrocesso, chamado no texto de “acaboclamento”, teria ocorrido em diversas partes do país, fenômeno que por si só justificaria uma revisão dos critérios de seleção do imigrante. Para justificar esse seu posicionamento, o discurso recorre mais uma vez a uma nova voz, justamente para desqualificá-la em detrimento do ponto de vista do autor. Essa é uma posição responsiva do enunciado de Willems, na qual ele explicita suas objeções por meio da avaliação constante que ele estabelece em relação ao enunciado do outro: “Não é crível que algum colonizador queira selecionar lavradores ‘superiores’ apenas para multiplicar a espécie dos Jeca-Tatus” (WILLEMS, 1947, p. 100).

O autor propõe, assim, novos critérios para a seleção dos imigrantes, visando uma adaptação desprovida de problemas para que eles pudessem trabalhar adequadamente e, assim, contribuíssem para o desenvolvimento econômico do país. Nesse caso, ele defende seu ponto de vista como o modo mais apropriado de se encarar e se entender o processo imigratório do país:

- (06) É preciso, portanto, que a seleção de tais imigrantes seja acompanhada da seleção de áreas que, pela qualidade do solo, as facilidades de comunicação e, sobretudo, a proximidade de mercados, permitam a perpetuação do equipamento técnico trazido do país de origem. (WILLEMS, 1947, p. 100)

Sua proposta de integrar aos critérios de seleção para os imigrantes mais aptos outros elementos relacionados à infra-estrutura é, claramente, sua própria ideia e seu ponto de vista a respeito do tema da imigração no Brasil, tanto que, como vimos, o autor recorre algumas vezes a outros discursos que concordam com o seu ponto de vista.

O autor, por fim, retoma a discussão a respeito da distinção entre “lavrador” e “trabalhador agrícola”. Segundo o texto, o trabalhador agrícola, cuja origem é a Europa Oriental, possui “um padrão de vida simples, poucos conhecimentos agrícolas e o



desejo veemente de ser proprietário” (WILLEMS, 1947, p. 100). Por isso, ele seria mais apropriado para o meio rural brasileiro. Pela mesma razão, os imigrantes asiáticos poderiam ser incluídos no processo migratório. Dessa forma, o trabalhador agrícola se oporia ao termo “lavrador”, cujo significado pertenceria aos outros discursos que se contrapõem ao ponto de vista de Emilio Willems.

O texto ainda se prolonga um pouco mais na distinção e definição do termo “lavrador”. Dessa vez, ela significa trabalhadores das regiões rurais industrializadas da Europa. Nesse parágrafo, o autor faz uma ressalva, como para se defender de possíveis restrições ou contestações de uma posição responsiva:

(07) À primeira vista, poderá causar espanto o fato de haver zonas rurais industrializadas. Na realidade, trata-se de áreas tidas como superpovoadas na primeira metade do século passado. Nessa época, o retalhamento da propriedade havia chegado ao máximo e, como a agricultura constituía a única fonte de renda da população, uma colheita má significava fome, miséria e êxodo. Regiões como o Palatinado e certas partes da Renânia forneceram vastas correntes migratórias para o Novo Mundo. (WILLEMS, 1947, p. 100).

Não há apenas uma atitude preventiva por parte do autor, mas o uso da forma reflexiva (“trata-se”) mostra que o que é dito não é apenas uma opinião dele, mas um conhecimento que ele possui e cujo fato relatado quase fala por si próprio.

Como, nessas regiões, a atividade rural e industrial conviveu de forma pacífica, formou-se, em algumas famílias, a alternância entre o trabalho rural e o trabalho na indústria. Para o autor, esse tipo de imigrante, que nunca é citado nos debates a respeito da imigração, não apenas poderia, mas deveria ser mais bem observado:

(08) Ora, o elemento humano procedente de tais regiões [Palatinado e Renânia] apresenta possibilidades seletivas que nunca foram examinadas sob o ponto de vista dos interesses colonizatórios do Brasil. Admitir ou rejeitar esses imigrantes ou, quando admitidos, distribuí-los simplesmente de acordo com as declarações de seus passaportes ou outros documentos exigidos, seria um processo burocraticamente avesso às normas de uma seleção bem orientada. (WILLEMS, 1947, p. 101)

Assim, após explicitar seu ponto de vista, por meio da contraposição com outros discursos que são convocados a participar de seu próprio enunciado, o autor propõe sua solução para a seleção dos imigrantes, que se distingue de outras perspectivas e outros pontos de vista sobre o tema da imigração no Brasil. A relação que o autor mantém com seu objeto também está clara: o uso de uma interjeição (“ora”) mostra que, para o autor, a escolha dos imigrantes advindos dessa região, pelas suas qualidades de trabalhador simples e de fácil adaptação às situações difíceis, é quase uma obviedade.

Além disso, há uma outra voz, nesse último trecho, com a qual o autor não concorda. Essa voz é a da burocracia, que não se apega a questões de ordem cultural no processo de entrada dos imigrantes, pois apenas se limita a cumprir os trâmites burocráticos, frequentemente estabelecidos pelos princípios políticos liberais e pelas concepções darwinistas da sociedade, como apontados e criticados pelo autor.

## Conclusões

Como dissemos no início deste trabalho, o tema da imigração no Brasil envolveu uma série de pontos de vista distintos a respeito da entrada de estrangeiros no país. O texto de Emílio Willems explicita alguns desses pontos de vista para deixar mais clara sua própria perspectiva e suas propostas para que o problema imigratório brasileiro fosse minimizado. Dessa forma, ele objetiva uma política imigratória que vise a uma melhor acolhida aos imigrantes, para que eles possam, de certa forma, se desenvolver no Brasil sem maiores percalços.

O ponto de vista do autor é definido, sobretudo, na relação de oposição a diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema (a imigração no Brasil): os discursos contrários são os do darwinismo social, da política liberal e o da burocracia. Por oposição, o discurso de Emílio Willems é um discurso que se revela sabedor do assunto tratado, que privilegia o saber quase empírico da observação do fato social, que exclui os traços raciais como elementos essenciais na vida em sociedade para incluir os elementos culturais que esses estrangeiros trazem para o país. A imagem do autor que o texto produz é, assim, a de um sujeito conhecedor do tema tratado, em que ele desloca o conceito biológico de “adaptação” para um ponto de vista culturalista, em que os elementos culturais e os conhecimentos trazidos pelos imigrantes (e não apenas sua carga genética) se tornam parte fundamental no processo de se pensar a imigração de seu tempo. Dessa maneira, ele mostra que conhece o objeto discutido pelo seu texto, com o qual mantém uma relação também valorativa, além de conhecer os pontos de vista discordantes ao seu em relação a esse objeto, a partir dos quais ele realiza uma avaliação negativa.

Toda essa complexa rede de oposições e concordâncias de pontos de vista só é possível de ser depreendida a partir do conceito de dialogismo de Bakhtin. Dessa forma, vemos como um texto, em sua simplicidade aparente, revela uma diversidade de vozes, de seu presente enunciativo ou de um passado não muito distante, que entram em uma disputa pela significação mais apropriada. Tanto que o texto não deixa de discutir semanticamente determinados léxicos que passam a apresentar outras significações e definições sob o olhar do enunciador responsável pelo texto. É desse embate entre diferentes vozes que surge o ponto de vista e as propostas de Emílio Willems para uma política imigratória que ele considerada a mais adequada para a realidade social e cultura do Brasil.

Por fim, o texto de Emílio Willems não se exime de responder aos enunciados contrários ao seu, como também sabe se prevenir diante de eventuais posições responsivas contrárias ao seu ponto de vista, sem deixar de propor novas soluções para o já então velho problema imigratório brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 261-306. (Original de 1979).

\_\_\_\_\_. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. \_\_\_\_\_. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 307-335. (Original de 1979).

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

LESSER, J. *A negociação da identidade nacional – imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

PERES, Elena Pájaro. *A inexistência de terra firme – A imigração galega em São Paulo (1946-1964)*. São Paulo: EDUSP, 2003.

SAKURAI, C. A imigração dos japoneses para o Brasil no Pós-Guerra (1950-1980). HASHIMOTO, F. et al (Orgs). *Cem anos da Imigração Japonesa – História, Memória e Arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 189-239.

SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

WILLEMS, Emilio. Problemas de imigração. Critérios de seleção. *Revista de Imigração e Colonização*, n. 4, dez. 1947, p. 99-101.